



RESENHA

## QUASE PALAVRA: VISÕES DA GAGUEIRA

*Felipe Lessa\**

*Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*

Silvia Friedman e Maria Cláudia Cunha (orgs.)

Porto Alegre, Artmed Editora, 2001

Uma publicação que focaliza o tema da gagueira em termos das questões subjetivas nela envolvidas é certamente valiosa para qualquer um que lide com esse embaraço da fala e da linguagem. A pergunta: “a gagueira é um sintoma de *natureza psíquica*?”, tal como Tassinari a formula, representa bem a preocupação que atravessa todo o livro. O debate sobre a etiologia da gagueira ganha fôlego com essa coletânea que, como diz o subtítulo, indica algumas das possibilidades psicológicas de tratamento do sujeito gago. Desde já recomendo o livro, não apenas para fonoaudiólogos, mas para todos que se interessem por um dos mais instigantes problemas do uso da língua.

---

\* Psicanalista, mestre e doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professor da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, professor convidado do Centro de Psicanálise da Faculdade São Marcos. E-mail: [flessaf@uol.com.br](mailto:flessaf@uol.com.br)

Sem perder de vista os aspectos orgânicos ou biológicos relacionados a esse fenômeno da fala, muitos aspectos subjetivos são abordados pelos autores, segundo suas diferentes referências teóricas e clínicas. A preferência por um discurso acerca do papel da subjetividade na clínica da linguagem é crescente no conjunto dos textos, nos quais assuntos como o temor, o desejo, a fobia, a atuação, a repetição, a identidade, o sujeito e o outro são refletidos em relação à gagueira. Não faltam casos clínicos para ilustrar os vários entendimentos a respeito do que acontece ao gago. São exemplos que não pretendem oferecer algum modelo fechado ou fórmula acabada para o tratamento, mas dão a ver um grande leque de leituras e reflexões sobre o assunto.

Spinelli apresenta um rico balanço das pesquisas científicas em torno da gagueira. Desde a psiquiatria categorial do DSM-VI, passando pela genética, pela farmacologia, pelas pesquisas neurológicas e indo aos estudos psicanalíticos sobre a questão, um panorama das fronteiras entre os fatores “biológicos e os ambientais” nos situa em relação aos limites *bio-psico-sociais* bem considerados hoje em dia. As vinhetas clínicas, ao mesmo tempo, dão uma mostra do como é possível articular visões clínicas objetivas e subjetivas. Lançando um olhar biopsicológico, de inspiração psicanalítica, sobre cada caso, a natureza da gagueira, como doença ou como sintoma, não é atribuída apenas a fatores subjetivos, nem apenas a fatores objetivos. E, nesse sentido, o primeiro capítulo do livro nos traz uma reflexão informada sobre esse campo de estudo; da tartamudez à falha na linguagem, oferece ao leitor uma referência clara para o restante dos artigos, que se dedicam ainda mais aos aspectos subjetivos.

Entretanto, a interface entre a fonoaudiologia e a psicanálise constitui um registro principalmente subjetivo. Aquilo que se pode dizer sobre o que o sujeito que ouve e fala é atravessado por nossas referências teóricas, e, portanto, traça as linhas gerais da forma como podemos apreender a subjetividade do paciente. Avançando na investigação sobre a condição do sujeito gago, Laufer apresenta um cuidadoso apanhado do ponto de vista sistêmico. Numa articulação fluida dos modelos sociais de comunicação e sistema familiar, pontua aspectos técnicos do trabalho do terapeuta, esse “*arquiteto do diálogo*, que cuida da dimensão estética da comunicação, bem como do compromisso ético com suas conseqüências”.

A circularidade do discurso junto ao paciente traz à baila: evitação, medo, expectativa, ansiedade, pressa, força, tensão, limite, frustração, etc. É no cenário sutil da diferença entre a voz e a fala, entre o suporte e a obra (entre chassi e carcaça de um lado, e o motor e os equipamentos de outro), é no descompasso emocional desse cenário que a gagueira encontraria ensejo. De fato, a gagueira é vista por muitos como uma hesitação, um *receio*, um *temor* que inibe o sujeito e rompe a fluência do discurso, quando o tibeio da fala sinaliza e encobre constrangimento da voz, enfim, vários autores refletem sobre algo que no gago parece estar ligado a sentimentos de *ameaça* e/ou medo, influenciando no uso da voz e da fala. A implicação do estilo da fala do sujeito revela-se no modo precavido e cuidadoso que dá forma à sua voz, como se, a cada vez, desejasse verificar se produziu o som certo para começar a falar. O medo da perda, a fobia, a ansiedade e o desejo permitem uma aproximação das diversas constelações psicopatológicas da psicanálise e alargam o estabelecimento do terreno subjetivo no qual a gagueira está sendo posta em pauta.

Kelly pergunta-se pela especificidade da gagueira como sintoma e insiste no problema das fobias e do medo. Depois de comentar a leitura de Freud, que discute a gagueira e os tiques como sintomas histéricos e conversivos, apresenta a posição de muitos outros autores ligados à psicanálise, tais como Stekel, Adler, Scripture, Appelt, Abraham, Jung e outros, mais atuais, Bloom, Blauber, Fried, Guy, Flecht, etc. Muitas observações e argumentos são organizados e analisados, rumando para a questão sobre a fobia. A experiência fóbica é articulada pela autora às várias estruturas neuróticas e mesmo psicóticas. As fobias da histeria de angústia ou dos medos do obsessivo dão lugar ao gozo gago, que, diante da dificuldade desse temor, vai subvertendo a fala e evitando a castração.

Uma hereditariedade simbólica da gagueira parece falar fortemente a favor da *natureza psíquica* desse sintoma na linguagem. Assim, do ponto de vista do tratamento, é no *setting*, na transferência, na linguagem que esses dois sujeitos se encontram. Assim, o sujeito gago, bem como seu terapeuta, deve poder deslindar o sintoma da gagueira desembaraçando-o de qualquer “saber absoluto sobre ele”. Essa atitude, de um ponto de vista teórico, põe em relevo o sujeito que gagueja, e, na prática, ao implicá-lo na atividade de produção de seu sintoma, abre uma margem de elaboração e modificação do seu modo de falar – o que é

um relevante problema ético-clínico. Uma vez estabelecido que “a gagueira é uma manifestação de *natureza neurótica*”, como afirma Cunha logo no início de seu artigo, pode-se refletir sobre um vasto campo de hipóteses e problemas psicológicos ligados a essa “patologia” da linguagem.

Certamente, ao analisar as condições que sustentam as características da fala do sujeito, somos levados a analisar a especificidade dos desejos que acompanham seu discurso, inclusive o próprio desejo de falar desse ou daquele modo. Estudando os efeitos do desejo implicado na fala do paciente podemos compreender melhor as condições neuróticas e psicológicas da gagueira, seja como uma cena histórica ou como uma defesa obsessiva ou, ainda, como um estilhaço da palavra sobre as coisas, no real. Ao mostrar que o aparato oral é o órgão de ataque, em ato, a pesquisa psicanalítica sobre a gagueira avança no questionamento sobre os aspectos subjetivos envolvidos nesse sintoma. Ao segmentar o discurso gaguejando, o sujeito estaria visando o outro, e, com isso, sua fala, sua língua e sua voz são afetadas pela retaliação que originalmente dirigiu contra alguém. Cunha mostra que a palavra gaguejada, quase palavra, como coisa, escapa à representação simbólica, indica uma repetição em ato e deve dar pistas do fantasma que se atualiza nesse sujeito, atacando seu aparelho oral. A heteroagressividade carrega consigo, também, uma auto-agressividade, e a gagueira atuada, como um sintoma no real da voz, torna-se a repetição de algo que leva o sujeito a tropeçar no próprio corpo ao falar. Aí ele parece sempre sustentar a delicada ansiedade de ser ouvido, quase envergonhado ao se submeter à escuta do outro.

Mergulhando nas questões existenciais da subjetividade Souza reflete sobre *o medo e o desejo*, sobre essa espécie de dualidade tão própria ao humano. “Desejar implica riscos”, e nesse sentido a subjetividade constitui-se nesse amálgama entre o desejo e o medo desde a própria condição existencial do sujeito. A forma como o sujeito lida com essa condição dos medos e desejos pode levá-lo a habitar esse território com menos tranquilidade ao falar, fazendo com que, em suas hesitações, perceba-se como *sendo* gago, e finalmente, acostumado, torne-se um. *Ser* gago, desse modo, o “constitui no fundamental, embora precise de uma causa externa para ser acionada”, a gagueira, pois ela dispara diante do outro ser. Mais do que superar o estigma social que o rotula, o trabalho terapêutico pode

e deve levar o paciente a novos territórios existenciais. Visto que sente medo diante do outro, “parasitar a gagueira” torna-se o modo de o sujeito alimentar seu psiquismo, torna-se a principal saída encontrada por ele. A gagueira, progressivamente, torna-se o meio pelo qual o sujeito pode produzir sentido sobre as coisas e sobre si, sua forma de extrair do outro a lógica que o constitui, lógica que, ao ser desmontada, indica mais uma possibilidade de tratamento.

A reflexão sobre gagueira e subjetividade fica bem apresentada ao leitor quando os autores situam o sujeito em relação aos outros, pois, os Outros, a alteridade, os objetos são condições do sujeito e da subjetividade. Longe da pretensão de oferecer explicações finais sobre a gagueira, os artigos desse livro trazem exemplos claros, e procuram apontar caminhos, e mesmos diretrizes, que possam contribuir para a clínica da gagueira. Rodrigues frisa a importância dos aspectos psicossociais ligados à identidade e à interação com “o outro”. Para além do sintoma da gagueira, sua imagem de si, sua auto-estima vêm compor o quadro no qual a crença do sujeito com relação a seu papel e sua identidade são incrementadas pela ansiedade e pelo estresse social. Azevedo e Freire enfatizam a condição do sujeito em relação ao outro, refletindo a gagueira desde um ponto de vista eminentemente sociointeracionista, articulando o materialismo histórico, a lingüística e a psicanálise. A origem da gagueira deve ser buscada na história familiar do paciente, em que tem lugar a subjetivação, na qual o sujeito está submetido “ao movimento da língua e a fala do outro”, etc.

A leitura dessa coletânea dá ciência do quanto o campo de relações entre gagueira e subjetividade é amplo e ainda pouco trabalhado. Por outro lado, ficamos com a nítida impressão de que a *natureza da gagueira* talvez não possa ser determinada de forma definitiva. A articulação de aspectos subjetivos a outros objetivos, ligados a concepções de corpo, de mente e do biológico, não esgotam o problema. Como sublinha Friedman, a dimensão ética da subjetividade desses pacientes, cuja fluência ao falar é apenas menor do que a de outros, envolve aspectos biológicos, antropológicos e culturais. A formação de um ideal de fluência natural, contraposto às noções de “gagueira natural” e de “gagueira sofrimento”, configura um costume social ideologicamente marcado pela idéia de “bem-falar”. O sujeito, vendo-se distante desse ideal, cedo aprende a prever a gagueira e sofre ao entrar num ciclo dialético entre subjetividade e objetividade que acaba sustentando, como um hábito, sua gagueira.

É a possibilidade se sentir-se seguro no campo social e familiar, isto é, a possibilidade de lidar com as emoções, preocupações e tensões causadas pelas diversas situações em que se espera que o sujeito fale, é ao tornar isso possível que o sujeito reduz sua disfluência, aproximando-a de padrões mais comuns e menos perceptíveis. Esse tipo de reflexão alinha-se bem com o espírito geral do livro, o qual, ao procurar desvincular a gagueira das visões deterministas da medicina biológica, abre campo para a desestigmatização do gago. A fala entaramelada faz parte da vacilação psíquica que, em algum momento, todos vivemos, mas que em alguns parece encontrar um trilho bem marcado, tornando-se uma espécie de confissão da ambivalência que os acompanha e que quase os descarriam na língua.

A gagueira mal expressa uma ambigüidade de sentidos, exceto pelo fato de que quem fala sempre expressa algo mais do que é dito. Esse algo mais, na repetição dos começos e dos meios das palavras, recorta os significantes sempre que um afeto maior se coloca para o sujeito. O medo, a insegurança, o receio, enfim, algumas das formas importantes da angústia são refletidas nesse livro, levando-nos a pensar que a seqüência da fala é picotada entre as implosões e as explosões de fonemas, produzindo sinais que remetem, de um lado, àquilo que o sujeito procura falar, e, de outro, a cada vez, a uma parte de sua estrutura emocional mais temerária, infantil e, provavelmente, sexual. Assim, o vaivém silábico e o repique dos sons emitidos adquirem um sentido tão subjetivo que, depois de ler todas essas diferentes e ricas opiniões sobre o assunto, sinto-me inclinado a dizer que a gagueira reivindica seu *status* e, muitas vezes, apresenta-se como uma idiosincrasia no estilo do sujeito ao lidar com a angústia.

A leitura de *Gagueira e subjetividade*, além de sugerir e ilustrar algumas possibilidades de tratamento dessa intrigante recidiva da fala, é um interessante livro sobre a linguagem. Ele traz ao leitor um verdadeiro recenseamento das relações entre afeto e fala, entre subjetividade e linguagem, entre a vida psíquica e cultural dos pacientes e as condições do trabalho fonoaudiológico. Funcionará, sem dúvida, como um livro de referência facilitando a pesquisa e orientando a prática clínica de muitos profissionais. Fonoaudiólogos, médicos, psicólogos e psicanalistas encontraram aí um instrumento útil, uma publicação que veio subsidiar essa importante via de tratamento da gagueira.